

Ambiente

Golpe no Xingu. Sai Raoni, entra Tutu Pombo.

Depois de liderar por vinte anos os índios Caiapó, o cacique Raoni perde para o primo e rival Tutu Pombo o direito de falar em nome da nação.

O cacique Txucarramãe Raoni foi afastado da liderança dos Caiapó, um dos maiores grupos indígenas da Amazônia, por decisão tomada num encontro de 39 caciques de 12 aldeias. A reunião que destituiu Raoni durou dois dias e foi realizada na Casa do Guerreiro, na aldeia Kikretun, no sul do Pará, chefiada por seu rival Tutu Pombo — eleito em seu lugar. Os caiapó vivem numa área de 3,2 milhões de hectares, ocupado por três mil índios. Tutu Pombo despontou como líder em 1976, quando fundou sua aldeia a partir de uma dissidência com a Gorotire, a maior de todas. No final da eleição, os Caiapó dançaram para pedir sorte ao novo guerreiro.

A partir de agora apenas Tutu Pombo tem autorização para falar em nome dos Caiapó. Ele é considerado o cacique mais aberto ao contato com as frentes econômicas. No encontro na aldeia Kikretun os caciques criticaram o posicionamento de Raoni durante as viagens feitas pelo Brasil e pelo Exterior, muitas vezes em companhia do roqueiro Sting, para a formação da Fundação Mata Virgem. Nas excursões, Raoni se mostrou contrário a acordos entre índios e brancos para a exploração dos recursos naturais existentes nas reservas indígenas.

Ser contra a Funai (Fundação Nacional do Índio) também rendeu a Raoni alguns votos favoráveis ao seu afastamento. Os caciques aproveitaram a reunião para redigir um documento a ser entregue para o presidente Fernando Collor no qual pedem não apenas a manutenção da Funai, mas também a adoção de medidas que fortaleçam a entidade.

Ter desautorizado seu parente Raoni de falar em nome dos caiapó foi uma atitude inédita do cacique Tutu Pombo, mas ao convocar o encontro ele oficializou uma cisão do grupo indígena com relação ao destino de suas reservas. De um lado, estão os caiapó que vêm abrindo suas reservas para a exploração de ouro e de madeira. De outro, os que ainda resistem a ações deste tipo — como o cacique Raoni e Paulo Paiakan, da aldeia Aukre, que sequer permite a entrada de brancos em sua região a fim de evitar a contaminação da cultura de seu povo.

Os caciques caiapó ficaram irritados, recentemente, com uma mensagem de rádio passada por Raoni, na qual recomendava que eles evitassem envolvimento com garimpeiros e com exploradores de madeira. "que só fazem poluir e devastar a reserva". No encontro desta semana, Tutu Pombo foi duro ao criticar Raoni e afirmou que o rival recebe verbas de entidades estrangeiras, mas não as repassa para os "irmãos caiapó".

Vôos fartos

Tutu Pombo tornou-se o primeiro cacique Caiapó a viver apenas de renda, proveniente de acordos com garimpeiros e madeireiros para a exploração do ouro e da madeira de lei que existem em grande quantidade na reserva. Ele cobra uma taxa pela exploração desses recursos — e já conseguiu comprar, entre outras coisas, dois aviões que utiliza com frequência nas viagens para cidades próximas à aldeia.

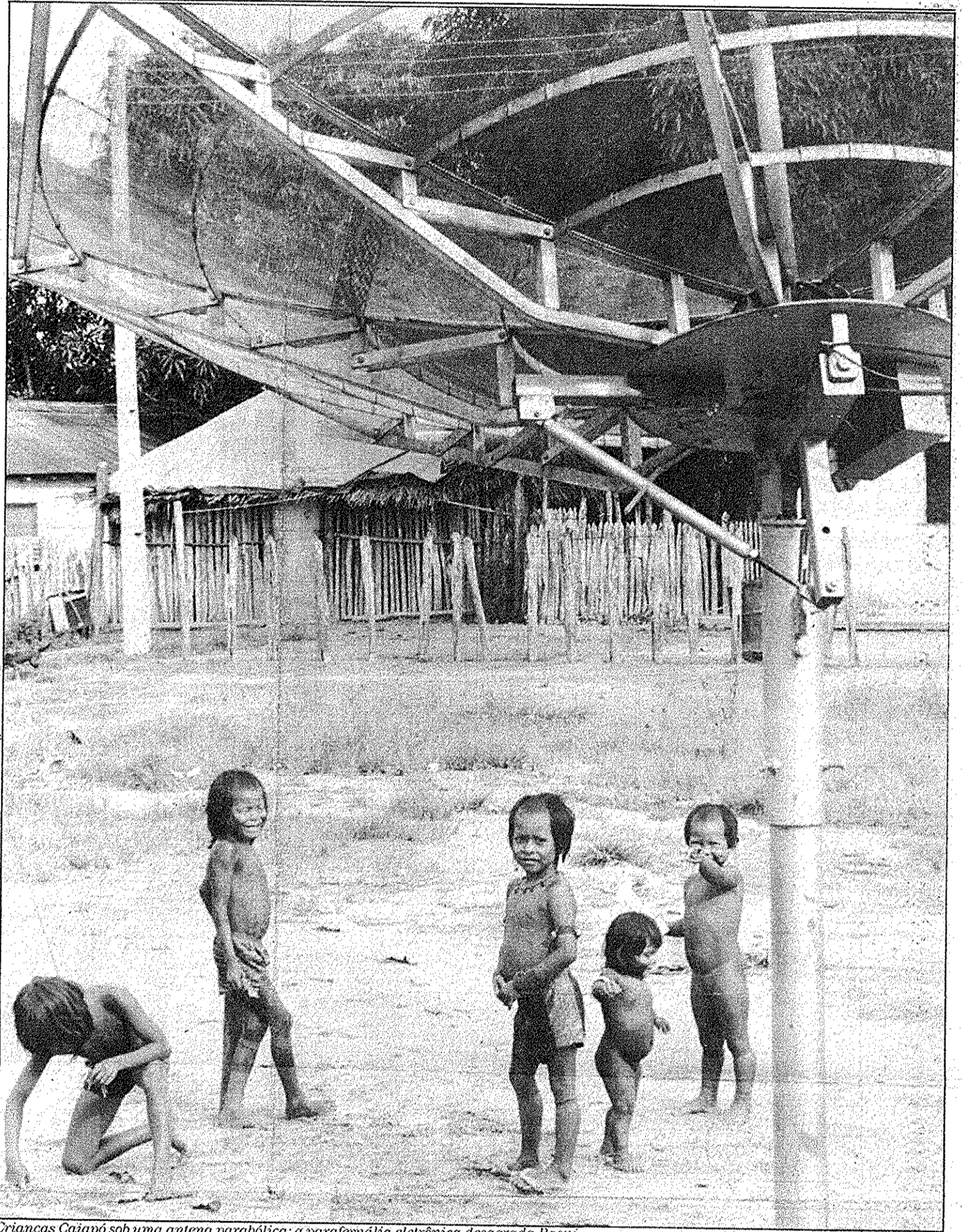
É costume do cacique decolar na direção de Araguaia, a 100 km da aldeia Kikretun, e voltar com o avião carregado de Coca-Cola e pão francês. Uma de suas atitudes mais polêmicas, no entanto, foi ter criado um conflito com posseiros localizados no limite norte da reserva. O confronto aconteceu porque Tutu Pombo quis preservar uma área para presentear sua amante branca. Por esses motivos, não recebe apoio nem de Raoni nem de Paiakan.

Brigas

O cacique Raoni perde o direito de falar em nome da nação Caiapó depois de liderar o grupo por mais de 20 anos. Mas ninguém sabe ao certo a sua idade. Quando sua tribo foi constatada pelos irmãos Villas Boas na década de cinquenta, o cacique e pajé, ainda jovem, já despontava como líder. Agora, o índio do grupo Metutire assiste com amargura à quebra de seu maior sonho: a união da nação Caiapó.

Como líder indígena, Raoni percorreu um caminho inverso ao de seu primo Tutu Pombo. Os recursos que sempre brigou para receber da Funai foram aplicados para melhorar a vida de seu povo, mas sempre com o cuidado de não agredir o ecossistema.

Ele sustenta com orgulho o botoque



Crianças Caiapó sob uma antena parabólica: a parafernália eletrônica desagradada Raoni.



Sting e Raoni: uma parceria criticada por Tutu Pombo.

— pedaço de madeira incrustado no lábio inferior — embora o adorno já tenha sido aposentado por líderes mais jovens e mais velhos, que optaram por uma plástica. Pai de cinco filhos — três homens e duas mulheres — Raoni vive desconfiado das intenções dos brancos e procura preservar as tradições de seus ancestrais. Não vê com bons olhos os equipamentos eletrônicos que os jovens Caiapó começam a levar para a aldeia, como gravadores, câmaras de vídeo e sofisticados aparelhos de som.

Para defender o Parque Nacional do Xingu, Raoni e seus guerreiros já invadiram fazendas e mataram peões. As idéias de Raoni, porém, começam a esbarrar na resistência de grupos que sonham agora com o dinheiro conseguido com mais facilidade pelo cacique Tutu Pombo.

Baleia no mar: o Brasil decide pela vida.
As baleias azuis Fin, Jubarte, Espardarte, Minke, de Brybes e a quase extinta Cachalote vão continuar seguras em águas territoriais brasileiras, mesmo que a reunião do Conselho Internacional da Baleia (CIB) em Amsterdã, decida apoiar grupos japoneses e noruegueses que pedem a liberação da caça. O governo promete manter a lei que proíbe a caça da baleia no país desde 1987, em decisão conjunta entre o Ministério das Relações Exteriores (que vai ao CIB), o Ibama e o Cirme.

“Povos da floresta” explorarão a Amazônia

Preocupado em dar prioridade aos projetos para a Amazônia, o secretário do Meio Ambiente, José Lutzemberger, pediu a colaboração do Instituto de Estudos Amazônicos (IEA) para a implantação de um projeto de ampliação das reservas extrativistas, que prevê a transformação de 25 milhões de hectares da Amazônia em áreas de produção exploradas comercialmente pelos “povos da floresta” (índios, seringueiros, pescadores).

“O secretário está sentindo falta de um canal de comunicação com as organizações não governamentais que podem lhe fornecer subsídios sobre as questões da Amazônia”, explica Mary Alegretti, presidente da IEA, confirmando que foi convidada por Lutzemberger para prestar assessoria nas questões da reserva extrativista e auxiliar os trabalhos da Secretaria do Meio Ambiente nos projetos para a Amazônia.

Segundo Mary, a conversa com o secretário começou durante um seminário sobre alternativas econômicas para as florestas tropicais, em Londres, nos dias 16 e 17 de maio. Ela explica que o interesse dos países europeus pelas reservas extrativistas e os produtos da floresta é tanto que foi lançado pela empresa Body-Shop, durante o seminário, o primeiro condicionador de cabelos à base de castanha do Pará.

“Há pelo menos 30 produtos da floresta, como óleos e castanhas, que são atualmente objeto de pesquisas de viabili-

dade econômica por empresas da Europa”, diz Mary, lembrando que sua preocupação e do Conselho Nacional dos Seringueiros é permitir que esta exploração econômica se faça sem comprometer a floresta e em benefício dos que nela vivem. Por isso, ela e Lutzemberger querem enviar rapidamente ao presidente Fernando Collor o projeto — que já se encontra no Ibama — de ampliação das reservas.

Terena

Em reunião na Secretaria do Meio Ambiente, em Brasília, quinta-feira, Lutzemberger formalizou o convite a Mary e também pediu a assessoria do índio Jorge Terena somente para questões indígenas. Terena, funcionário da Secretaria da Cultura, já recebeu sua primeira missão de Lutzemberger: um completo levantamento dos principais problemas indígenas, incluindo a Funai.

Segundo Terena, que conversou com Lutzemberger acompanhado de Mary e do presidente do Núcleo dos Direitos Indígenas, Marcos Terena, neste final de semana Lutzemberger pretende discutir com Collor uma solução para o caso da Funai. Depois da reforma administrativa, a Funai ficou ligada ao Ministério da Justiça, mas até agora não tem presidente definitivo. Jorge Terena acredita que há possibilidade de a Funai ser extinta, cedendo lugar a um novo órgão vinculado à Secretaria do Meio Ambiente.